

EDITORIAL

A revista *Opsis* apresenta neste número o dossiê *Cultura e Representações*. A revista agora não está mais vinculada apenas ao curso de História, mas sim ao Departamento de História e Ciências Sociais. Abrindo uma nova etapa na sua trajetória o curso de História ao qual a revista se associa tem agora um novo parceiro, o curso de Ciências Sociais recentemente implantado. Novos parceiros que já estão integrados ao cotidiano da revista e que certamente muito contribuíram para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, foi de muito bom alvitre o fato deste número ser aberto por um artigo do prof. Rogério Bianchi, primeiro coordenador do curso de Ciências Sociais.

Ao contrário dos outros números da *Opsis* este não é fruto do simpósio anual sempre promovido pelo curso de História. Nem por isso o tema é menos significativo: *Cultura e Representação*. Coincidentemente um tema caro aos dois cursos.

O conceito de representação presente nas ciências sociais desde o início do século XX tem ganhado cada vez mais importância entre os historiadores, principalmente aqueles vinculados à História Cultural, mas sem se limitar a eles.

A revista abre seu dossiê com o artigo do prof. Rogério Bianchi analisando o conceito de utopia como instrumento de análise da realidade social. Em seguida temos uma análise do filme *Pixote, a lei do mais fraco*, de Hector Babenco, onde o autor, Luis Alberto Pereira Júnior ressalta as questões em torno da infância levantadas na história. A temática social volta no artigo de Christiane de Souza Viana que através da leitura de *Agosto*, de Rubem Fonseca, retoma os últimos dias do segundo governo de Vargas. No artigo de Radamés Viera Nunes é o Rio de Janeiro que nos é apresentado pelas mãos de dois de seus principais cronistas: Olavo Bilac e Lima Barreto. Para fechar o dossiê, temos o artigo de Luiz Humberto Martins Arantes, enfocando as múltiplas interfaces existentes entre o texto teatral e sua montagem cênica, usando para tanto a peça *Pedreira das Almas*, de Jorge Andrade e sua montagem feita por Alberto D'Aversa.

Nos artigos livres temos inicialmente a análise feita por José Eustáquio Ribeiro da noção de “três tempos” cunhada por Fernand Braudel, contrapondo esse autor com as posições de Levi-Strauss. Em seguida Arilson dos Santos Gomes recupera as discussões ocorridas durante o Primeiro

Congresso Nacional do Negro, ocorrido em 1958, na cidade de Porto Alegre. “Dias de Luta”, dos autores Dilton e Andreza Maynard, nos leva até a Aracaju durante a II Guerra, e as questões eugênicas que se apresentavam no período. Encerra o bloco o texto de Teresinha Maria Duarte abordando o projeto de desenvolvimento do Regime Militar brasileiro e sua relação com o estado de Goiás. Fechando a revista temos uma resenha do mais novo livro do prof. Jörn Rüsen lançado no Brasil.

Uma boa leitura!

Prof. Dr. Getúlio Nascentes da Cunha